

# ALGUNS COMENTÁRIOS ACERCA DO RECURSO ÀS DROGAS NA MODERNIDADE

**Geralda Eloisa Gonçalves Nogueira**

*Capitão Psicóloga da PMMG*

Freud, em seu texto *Mal-estar na civilização*, constata o inevitável desencontro entre as exigências do aparelho psíquico e as advindas da civilização, o qual resulta em sofrimento.

Nesse texto, ele esclarece que o mal-estar é o dos laços sociais, ao indicar que a “inadequação das regras que procuram ajustar os relacionamentos mútuos dos seres humanos na família, no Estado e na sociedade” é a maior causa de nosso sofrimento.

Para dar conta desse mal-estar, o homem lança mão de alguns recursos ou medidas paliativas, dentre as quais Freud inclui as substâncias tóxicas, dizendo que “o serviço prestado pelos veículos intoxicantes na luta pela felicidade e no afastamento da desgraça é tão altamente apreciado como um benefício, que tanto indivíduos quanto povos lhes concederam um lugar permanente na economia de sua libido”.

Tomando Lacan como referência, Jésus Santiago em seus seminários, irá nos indicar que para a apreensão do fenômeno droga é necessário entender que “não há noção de droga que não seja relativa ao contexto discursivo no qual ela se enuncia”.

Discurso entendido como uma série de enunciados que possuem proposições especiais e relações estáveis instauradas pelo instrumento da linguagem, que determinam o laço social. Discurso como forma de resposta no saber àquilo que é do real e que, em decorrência disso, coloca em funcionamento determinadas posições para o sujeito.

Podemos, então, seguindo a orientação de Santiago, procurar entender o lugar da droga nos discursos prevalentes na era moderna.

Ao elaborar a sua teoria dos discursos, Lacan nos indica que o discurso do mestre é o discurso de instituição da civilização, autorizado pela individualidade, agenciado pela Lei, como significante mestre e que exige a renúncia pulsional como um dos mecanismos de regulação dos relacionamentos sociais.

Na medida em que esse discurso nada quer saber da verdade da divisão do sujeito, por um lado ele acentua a igualdade de todos perante a lei e, de outro, substitui a subjetividade pela individualidade, através da idéia de liberdade irrestrita, de independência, numa tentativa infrutífera de desconhecer a causalidade psíquica.

Mais do que isso, “a sociedade democrática moderna quer banir de seu horizonte a realidade do infortúnio, da morte e da violência. (...) Em nome da globalização e do sucesso econômico, ela tem tentado abolir a idéia de conflito social”.

Em conseqüência disso, “a concepção de norma e patologia se assentam no princípio de que todos têm o direito e, portanto, o dever de não manifestar seu sofrimento, de não se entusiasmar com qualquer ideal, a não ser o do pacifismo ou da moral humanitária. Trata-se de aplicar uma estratégia de normalização”.

Segundo Elizabeth Roudinesco, o indivíduo depressivo, cuja estranha síndrome caracterizada pela apatia misturada à tristeza, à busca de identidade e ao culto de si mesmo, é a manifestação atual do sofrimento psíquico decorrente, poderíamos dizer, das peculiaridades do laço social que a Lei, como significante mestre, engendra na modernidade.

O uso da droga estaria, nesse sentido, segundo a autora, relacionado ao ideal de uma felicidade impossível. “Muitos são os sujeitos que preferem entregar-se voluntariamente a substâncias químicas a falar de seus sofrimentos íntimos. O poder dos remédios do espírito, portanto, é o sintoma de uma modernidade que tende a abolir no homem não apenas o desejo de liberdade, mas também a própria idéia de enfrentar a prova dele. O silêncio passa ser preferível à linguagem, fonte de angústia e vergonha”.

Jésus Santiago nos indica o Cinismo como um paradigma para se pensar a modalidade atual de uso da droga, em relação ao gozo. Esse uso caracterizado pela prática ritualizada, compulsiva, pode representar um atalho na questão da função do Outro, como se o sujeito toxicômano, ao longo do tempo, operasse certa desistência às formas sublimatórias da civilização, uma recusa a usar as insígnias da civilização.

Se o discurso de instituição da civilização e do sujeito, representado na cultura, é o discurso do mestre, o discurso capitalista e o universitário podem ser considerados derivados do primeiro.

No discurso capitalista, que tem no processo de globalização um mecanismo de sua universalização, o lugar da verdade é ocupado pelo capital, como significante mestre, imperativo que age através do saber da ciência produzindo objetos (*gadgets*) visando “à ilusão da completude que o sujeito buscaria para seu gozo impossível”. Privilegia, nesse sentido, a relação do sujeito com o objeto, que se apresenta como um parceiro descartável, desconectável.

Segundo as formulações próprias ao discurso capitalista, a expressão política do poder de uma nação é profundamente afetada pelo fator ciência e tecnologia que, assim, assume importância vital num mundo dominado pelo capital.

Será o discurso da ciência, atrelado ao discurso capitalista, que, através da tecnologia, irá propiciar a produção e comercialização de bens e serviços, no lugar da causa de desejo de cada um.

O discurso da ciência, tomado como modalidade do discurso universitário, onde o saber, advindo da ciência, está no lugar de agente e o sujeito no lugar de objeto, parece assumir as feições do discurso do mestre atual, cujo imperativo é: saiba tudo sobre tudo.

Lacan dirá que é absoluto o sentido moderno da ciência. À ilusão de se estender o discurso da ciência ao conjunto dos fenômenos humanos, a partir da crença na capacidade absoluta de a ciência em resolvê-los, Roudinesco irá nomear de cientificismo.

O trabalho da ciência que busca literalizar o real não deixou de fora as drogas, que, nesse discurso, tornam-se os tóxicos, cuja composição, a natureza tóxica de seus componentes e o mecanismo de ação devem ser identificados e detalhadamente descritos.

Na medida em que a noção de droga é apreendida a partir de seus componentes tóxicos e seus efeitos no organismo, o fato toxicomaniaco passa a ser considerado pelo viés policial e a regulação de seu uso/abuso uma constante pretensão da ordem jurídica.

As drogas passam a ser divididas entre as lícitas e as ilícitas e seu consumo definido a partir de categorias que vão desde uso indevido, passando pelo uso abusivo até à categoria nosológica das toxicomanias.

Mas, seguindo a lógica do mercado, a cada dia, mais e mais substâncias são produzidas e oferecidas como promotoras de efeitos no corpo, sejam eles físicos ou psíquicos, como os antidepressivos, os anabolizantes, os hormônios artificiais, as vitaminas, os afrodisíacos, os energizantes.

No campo de interseção entre a loucura e o que se conceitua como drogas lícitas, temos visto a psicofarmacologia tornar-se “o estandarte de uma espécie de imperialismo”, ao permitir que os médicos abordem de uma mesma maneira “todo tipo de afeções sem que se saiba de que tratamento elas dependem. Assim, psicoses, neuroses, fobias, melancolias e depressões são tratadas pela psicofarmacologia como um punhado de estados ansiosos, decorrentes de lutos, crises de pânico passageiras, ou de um nervosismo extremo, devido a um ambiente difícil”.

O que se visa é “tratar o traço visível da doença, suprimi-lo e depois evitar a investigação de sua causa de modo a orientar o paciente para uma posição cada vez menos conflitiva. Em lugar das paixões, a calma, em lugar do desejo, a ausência de desejo, em lugar do sujeito, o nada, e em lugar da história, o fim da história”.

O discurso da ciência, como modalidade do discurso universitário vai apontar, entretanto, que por mais que se objetive o sujeito, o que é produzido é o sujeito dividido, barrado pelo significante, que não se deixa objetivar.

Assim, o mal-estar desses discursos irá se expressar nas doenças do discurso, que caracterizam a subjetividade moderna, dentre as quais pode-se pensar a toxicomania e a depressão. Modos do sujeito lidar com a pretensão própria da modernidade de produzir um Outro sem falta, a partir da recusa da castração.

Nesse sentido, a atenção à saúde mental desse público não pode desconsiderar os efeitos que os discursos próprios à modernidade produzem no nível de cada sujeito.

## REFERÊNCIAS

Anotações pessoais do Seminário **As estruturas clínicas no campo do gozo**, ministrado por Antônio Quinet. Belo Horizonte: Formações clínicas do campo lacaniano. 2000.

Cópia da tradução para o português dos capítulos 1, 2 e 3 da tese de doutorado de Jésus Santiago, atas e anotações pessoais do Seminário **Novos sintomas - parcerias cínicas com o gozo**, ministrado por Jésus Santiago. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais. 2000.

ESCOLA SUPERIOR DE GUERRA. **Manual básico**. Rio de Janeiro: ESG. p. 264. 1992.

FREUD, Sigmund. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. XXI. **O mal-estar na civilização**.

LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. p. 80. 1998.

LEITE, Márcio Peter de Souza. **Psicanálise lacaniana**: cinco seminários para analista kleinianos. São Paulo: Iluminuras. 2000.

ROUDINESCO, Elizabeth. **Por que a Psicanálise?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2000.

